

**UMA EXPERIÊNCIA DE ADAPTAÇÃO:
UM ESTUDO QUALITATIVO 'ARTS-BASED' EM
COMBINAÇÃO COM MODELO HEURÍSTICO²¹**

***AN EXPERIENCE OF ADAPTATION:
A QUALITATIVE ARTS-BASED STUDY
COMBINED WITH THE HEURISTIC MODEL***

André Brandalise²²

Resumo - A proposta deste estudo qualitativo foi a de explorar e a de entender as diferentes fases de uma experiência adaptativa pessoal de ser um estudante internacional de PhD em musicoterapia da Temple University e de como a música foi utilizada de maneira a oferecer suporte e possibilidades para *insights* metafóricos ao processo. O *design* do estudo envolveu uma combinação entre os modelos heurístico e 'Arts-based' de pesquisa qualitativa. Os dados foram coletados, através de múltiplas fontes, a partir de auto-investigação. O estudo também procurou refletir sobre processos adaptativos similares pelo qual pode passar um paciente de musicoterapia no início de seu processo bem como a adaptação que pode ser experienciada por musicoterapeutas quando iniciam um novo trabalho, com novos pacientes (com novas demandas), com uma nova equipe, em um outro local.

Palavras-Chave: Pesquisa qualitativa, modelo 'Arts-based', modelo Heurístico, adaptação.

Abstract - The purpose of this qualitative study was to explore and understand the different phases of a personal experience of being an international Temple University PhD student going through the process of adaptation and how music

²¹ Esta pesquisa foi desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Kenneth Aigen - Temple University, EUA.

²² Bacharel em música (UFRGS, RS), especialista em musicoterapia (Conservatório Brasileiro de Música, RJ), mestre em musicoterapia (New York University, EUA) e PhD em musicoterapia (Temple University, EUA). Nesta última universidade Brandalise foi bolsista por dois anos, como professor-assistente, exercendo as funções de professor e supervisor. Brandalise é diretor-fundador do Centro Gaúcho de Musicoterapia (POA, RS) e um dos sócios-fundadores do Instituto de Criatividade e Desenvolvimento (ICD). É autor dos livros "Musicoterapia Músico-centrada" (2001) e "I Jornada Brasileira sobre Musicoterapia Músico-centrada" (2003).

was used in order to offer support and provide possibilities for insights. The study was designed as a heuristic approach combined with Arts-based research. Data was collected through multiple sources and was conducted through a self-inquiry process. Also, the study aimed to make reflections about similar adaptive process that a music therapy client can experience in the beginning of his/her therapy. In addition, there is a reflection about the possible adaptive process therapists may go through in the beginning of a new job, with new clients (with new needs) with a new team, in a new place.

Keywords: Qualitative research, Arts-based research model, Heuristic model, adaptation.

Introdução

Em decorrência do programa de PhD da Temple University, cursei uma disciplina chamada “Pesquisa qualitativa”, ministrada pelo Prof. Kenneth Aigen. Aigen solicitou que cada estudante propusesse um tema para a pesquisa que seria desenvolvida ao longo do semestre. Nos dias que se passaram vi-me realizando um esforço no sentido de encontrar uma questão que me estivesse motivando. Pensei em alguns tópicos mas encontrei dificuldades em desenvolvê-los. Em paralelo a esta busca, realizava imersão na literatura da pesquisa qualitativa. Em um determinado momento encontrei-me com uma teoria que enfatizava a importância da motivação e do engajamento emocional do pesquisador qualitativo em relação ao assunto a ser estudado (MARSHALL & ROSSMAN, 2006). Segundo estes autores, a dinâmica qualitativa implica em um pesquisador motivado a desenhar e a propor uma pesquisa, a construir e a engajar-se em um processo de investigação acerca de um problema, de uma questão. Acreditam que o pesquisador deve estar emocionalmente envolvido com seu tópico.

Realizando reflexões acerca da motivação, reconheci que o problema no qual encontrava-me naquele momento focado estava relacionado à minha própria adaptação na cidade da Filadélfia, no programa de doutorado, no dia-a-dia de uma rotina estrangeira. Neste processo adaptativo percebia dois sentimentos principais: a emoção pessoal a partir do surgimento deste problema e, conseqüentemente, a motivação no engajamento ao processo de descobrimento de determinadas respostas que a experiência pessoal estava me proporcionando.

Tratava-se de um processo singular, que jamais havia experienciado e que vinha produzindo diversos sentimentos interessantes que me obrigavam a criar diferentes estratégias para com eles poder lidar. No ano de 1997, havia vivenciado uma experiência similar quando também mudei-me do Brasil para a cidade de Nova York (EUA) com a intenção de iniciar o programa de mestrado da New York University (NYU). No entanto, desta vez na Filadélfia, a adaptação parecia diferente, mais complexa. A experiência me transportava de um estado de bem estar a um estado de desconforto e ansiedade com certa frequência. Passei a perceber que apesar de ser o próprio sujeito submetido à experiência adaptativa, poderia notar e descrever os fenômenos vivenciados e que estes poderiam ser explorados na forma de temas, categorias e metáforas em um caminho à compreensão. A intenção, então, foi a de investigar este processo como *first-person research* (pesquisa em primeira pessoa, BRUSCIA, 2005) seguindo o modelo heurístico associado ao modelo 'Arts-based' de pesquisa.

Modelo Heurístico

Uma das maiores referências deste modelo é o trabalho de pesquisa desenvolvido por Clark Moustakas (1990). Este autor propôs que este modelo de pesquisa incorporasse auto-processos criativos e de auto-descobrimto (p. 9).

Na literatura da musicoterapia são poucos os estudos que seguem este *design*. Kenneth Bruscia (1998) publicou uma auto-investigação buscando responder sua questão sobre o que seria *to be there for his client* (estar presente para o cliente). Descreveu sua experiência sobre *being there* (estar presente) em quatro diferentes níveis: sensorial, afetivo, reflexivo e intuitivo. Baseado em sua própria experiência, verificou que, em algumas situações, seria importante que o terapeuta expandisse, centralizasse e alterasse seu estado de consciência. Entendeu que este fenômeno poderia ocorrer em três diferentes espaços: o mundo do cliente, o mundo pessoal do terapeuta e o mundo do terapeuta como terapeuta. Bruscia considerou esta habilidade como sendo a liberdade de mover a consciência onde houver demanda e desejo (pp. 494-495).

A musicoterapeuta belga Isabelle Mairiaux (2006) descreveu seu processo de adaptação quando mudou-se da Bélgica para o Japão, cultura que considerava desconhecida. Um dos desafios que vivenciou disse respeito ao que chamou de “experiência de espaços”. Estudou sua experiência pessoal em dois contextos: o contexto de seu dia-a-dia no Japão e o contexto da dança *butoh* (p. 1). Cada um destes contextos a auxiliou a descobrir aspectos relacionados à experiência de espaço e suas possíveis implicações para a musicoterapia. Em seu estudo também investigou a interdependência entre percepção e linguagem (como parte de cultura) e a maneira como esta relação afetava o contexto musicoterapêutico.

Colin Lee (2008) relata sua experiência relacionada a ser um homossexual e de como este fato influencia suas ideias e trabalho como musicoterapeuta. A partir de sua jornada pessoal, Lee descreve a necessidade de discutir a correlação entre ser um homossexual e ser um musicoterapeuta. Percebe que apesar de o homossexualismo não ter relação com sua função de terapeuta, tem, por outro lado, relação com a maneira como aborda e desenvolve relação terapêutica com seus pacientes, especialmente os pacientes homossexuais, portadores de HIV/AIDS. Ao ver de Lee (2008), a música foi sua

ponte e âncora. Entende que em música, a relação terapêutica sempre encontrou um equilíbrio que foi seu guia através dos momentos de desconhecimentos e incertezas. Depositava sua confiança na música pois ela passara a ser seu único constante apoio nos momentos de angústia e de sentimento de ambiguidade que vivenciava em seu processo terapêutico. A música funcionou como seu constante mentor (p. 3).

Modelo “Arts-based”

Austin e Forinash (2005) acreditam que o ‘Arts-based’ é o mais novo modelo de pesquisa qualitativa e que deve ainda ser bastante utilizado pela musicoterapia uma vez que contempla a música e outras formas de arte como instrumentos de pesquisa. Hervey (*apud* AUSTIN & FORINASH, 2005) define ‘Arts-based’ como sendo:

- Uma investigação artística que utiliza métodos artísticos de coleta, análise e/ou de apresentação de dados;
- Uma investigação artística que se engaja e reconhece o processo criativo;
- Uma investigação artística que é motivada e determinada pelos valores estéticos do pesquisador.

Austin e Forinash (2005) dizem:

A música e as artes podem nos oferecer determinados acessos a informações sobre nossos clientes que não estão disponíveis de nenhuma outra maneira. O modelo de pesquisa ‘Arts-based’ prioriza as artes em seus processo de investigação como uma forma de obter informação que, de outra forma, estaria indisponível. (p. 459)

Na musicoterapia há exemplos de processos de pesquisa que fizeram uso deste modelo. Entre eles, destaco os trabalhos de Diane Austin (2004) e de Michael Viega (2012). O trabalho de Austin recebe o título de *Grace Street*. A partir de trabalho musicoterapêutico, Austin criou um musical que conta a história de quatro personagens que frequentam o AA (Alcoólicos Anônimos). Na performance, os quatro personagens expõem psicodinâmicas relacionadas às suas condições. O estudo de Viega (2012) visou experienciar, analisar e obter *insights* a partir de canções que foram compostas por adolescentes que tiveram experiências adversas durante suas infâncias e que se identificaram com a cultura Hip Hop. Nestes dois exemplos o próprio material artístico é utilizado como o que relata e analisa a pesquisa.

É importante, no entanto, diferenciar o modelo 'Arts-based' de modelos de pesquisa que reportam material artístico (i.e., partituras, poesias, filmes etc.). Na musicoterapia há vários trabalhos qualitativos que utilizam a análise musical como uma de suas fontes de análise (AIGEN, 1997, 1998; BRANDALISE, 2001, 2015; LEE, 1996; NORDOFF & ROBBINS, 1977; TURRY, 2004). Nestes trabalhos o conteúdo artístico não define a análise mas é elemento que a complementa, que a reforça. Na 'Arts-based', conforme mencionado anteriormente, o produto artístico é tanto o material coletado como a própria análise. A tarefa do pesquisador 'Arts-based' é de traduzi-la à comunidade. Apresento esta dinâmica através deste artigo.

Perguntas de Pesquisa

A principal questão deste estudo foi: como poderia explorar e compreender a importância da música e de outros fenômenos em um processo de adaptação pessoal e como esta experiência poderia ser transferida para a musicoterapia? Expandindo esta questão, a seguinte sub-questão também foi endereçada:

- Quais foram as estratégias utilizadas no sentido de lidar com os sentimentos causados pelas diferentes dinâmicas durante o processo e como a música foi utilizada como uma destas estratégias?

Limitações do Estudo

Esta pesquisa foi baseada em uma experiência pessoal de adaptação. Todos os problemas e sentimentos envolvidos neste processo são pessoais, por isso, impossíveis de serem generalizados. Da mesma forma, as estratégias criadas no sentido de melhor lidar com os sentimentos foram baseadas na maneira como eu estava experienciando estes sentimentos.

Método

Método de Coleta de Dados

A abordagem qualitativa escolhida foi desenhada no sentido de poder oferecer uma variedade de fontes de dados que incluíram um relatório diário, fotos, músicas (composições) e partituras referentes a estas peças musicais. O relatório diário foi desenvolvido segundo o modelo abaixo (Figura 1). Cada dia do processo adaptativo recebeu um título e um rótulo definidos como sendo:

- Dia muito bom: gerador de sentimentos de satisfação;
- Dia bom: gerador de sentimento de calma;
- Dia regular: gerador de sentimento de estabilidade (não extremos);
- Dia ruim: gerador de sentimento de chateação mas sem muito estresse;
- Dia muito ruim: gerador de nível alto de ansiedade e chateação.

Figura 1: Modelo de relatório diário utilizado na pesquisa e a geração de temas e categorias.

[Relatório diário, 19/08/2009]

19 DIA MUITO BOM. GRANDE MENSAGEM DO KEN AIGEN, TEMPLE e “ACHO QUE VAI DAR TUDO CERTO” mensagem de mim para os profs. da Temple (sobre minha esposa chegar grávida na cidade e termos a cobertura do plano de saúde). No dia 19 recebi uma mensagem muito carinhosa do Ken Aigen. Entre outras, disse:

Comment [AB1]: TEMA: tensões.

“(..) uma das lições que aprendi na vida é que há várias coisas que fogem ao nosso controle e o surgimento de uma criança é uma delas! Curta isso”.

Na manhã – direto para o campus da Temple. Tive que aprender onde descer com a “blue line” (linha azul do metrô) e onde pegar e onde descer com a “orange line” (linha laranja do metrô). Qual a melhor estação para descer para ir à Temple? Descobri que é a Cecil B. Moore. Quando peguei a “orange line” notei que cada vez que a porta do trem abre, uma voz feminina gravada diz “portas abrindo” (DOORS OPEN). Isto é dito através da utilização de um intervalo de quinta justa descendente (Dó# - Fá#). Quando desci do trem compus uma canção tendo este intervalo como estrutura inicial da peça. Carregava uma câmera e então decidi permanecer na estação e gravar a canção.

Comment [AB2]: TEMA: música como apoiadora. CATEGORIA: ponto de ancoragem ou ponto de alívio.

DOORS OPEN

DOORS OPEN

YOU BETTER WATCH WHEN YOU GET OFF THE TRAIN

YOU BETTER WATCH WHEN YOU GET OFF THE TRAIN

OTHERWISE DOORS WON'T OPEN ANYMORE

OTHERWISE DOORS WON'T OPEN ANYMORE

DOORS OPEN

Comment [AB3]: CATEGORIA: oportunidades, aprendizado.

Comment [AB4]: CATEGORIA: atenção/preocupação.

Comment [AB5]: Focar.

Procedimentos de Análise

As fontes de dado foram codificadas. A partir da codificação, houve a identificação de temas e categorias (Figura 1). As categorias foram caracterizadas tendo como base as emoções evocadas pelas diferentes situações apresentadas pelo processo adaptativo. Os temas foram relacionados aos principais pensamentos, frases musicais (de composições) mais significativas do processo. As estratégias foram utilizadas como dinâmicas de resposta. Eu as chamei de “dinâmica de respostas” por entender que a resposta é uma experiência dinâmica, um movimento que envolve diversos passos que vão da identificação do problema ao encontro de possíveis soluções.

A análise deste material ocorreu através da utilização de metáforas que foram aplicadas no sentido de, simbolicamente, descreverem a experiência de

adaptação como um todo e em cada fase do processo. Por fim, o uso da música buscou explicar como e com qual propósito foram utilizadas.

CrITÉrios de Avaliação e Procedimentos

Credibilidade foi alcançada neste estudo através da utilização de algumas técnicas qualitativas de investigação: engajamento prolongado, observação persistente e triangulação. O formato da coleta de dados também favoreceu um detalhamento do processo. Através da utilização de diferentes fontes (relatório diário, músicas, fotos e partituras) me foi possível perceber as nuances do processo.

Engajamento prolongado

De acordo com Lincoln e Guba (1985), o engajamento prolongado auxilia o pesquisador a entender o contexto, a minimizar distorções e a construir credibilidade. O engajamento prolongado é a o investimento de tempo suficiente para a aquisição de objetivos tais como o aprendizado acerca de uma determinada cultura e a verificação das informações obtidas. Neste estudo o engajamento ocorreu ao longo de sete meses e nove dias.

Observação persistente

Lincoln e Guba (1985) propõem que o objetivo da observação persistente seja o de identificar as características que sejam as mais relevantes ao problema que está sendo estudado possibilitando o foco nos detalhes do fenômeno. Neste estudo, fez parte do processo de observação a releitura do relatório diário e o foco na identificação de temas, padrões e elaboração de categorias. Da mesma

forma a concentração na escuta do material musical composto, a escrita do mesmo e a análise.

Triangulação

A triangulação é considerada técnica essencial em determinados estudos qualitativos no sentido de promover o aumento da probabilidade de que achados e interpretações sejam fiéis (LINCOLN & GUBA, 1985). Neste estudo foi realizada triangulação envolvendo a análise do relatório diário, análise do material musical e análise do *peer debriefing* (avaliação realizada por colega).

Considerações Éticas

Este estudo focou a auto-investigação logo, não envolveu outros seres humanos além de mim. Portanto, considero o compromisso e a responsabilidade com o processo da pesquisa e com a análise dos dados as principais considerações éticas deste estudo.

Resultados

Iniciei a escrita do relatório diário no dia 12 de agosto de 2009 e o finalizei no dia 21 de março de 2010, ou seja, o estudo teve duração de 7 meses e 9 dias. Este instrumento (o diário) possibilitou que fossem identificados os momentos mais significativos relacionados a diversas situações vivenciadas, a emoções, a sentimentos e a estratégias (musicais e não musicais) na experiência adaptativa.

As músicas mais significativas foram escritas e analisadas e busquei o entendimento acerca das várias funções que tiveram neste processo. Duas composições vocais estabeleceram os pilares da análise 'Arts-based' deste estudo. As composições foram: *Orange Line* (Linha Laranja, Figura 2) e

Instrumental (Figura 3). *Orange Line* (Linha Laranja) foi composta, via improvisação vocal, no dia 19 de agosto de 2009, no primeiro dia no campus da Temple University. Orange line significa, em inglês, linha laranja que é o nome do percurso do metrô da Filadélfia que percorre as direções norte e sul da cidade. Ao norte situa-se a Temple University. A canção foi criada na métrica de 4/4 e na tonalidade de F^á# menor.

A letra da canção expressa:

Portas abrindo
 Portas abrindo
 Melhor cuidar quando for entrar no trem (4X)
 Portas abrindo
 Portas abrindo
 De outra forma portas não abrirão mais
 Portas fechando

Figura 2. *Orange Line* (Linha Laranja)



Doors o - pen Doors o - pen Youbetter

watchwhenyougetinthetrain Youbetter watchwhenyougetinthetrain repeat

repeat repeat O ther wise doorswon'to pen anymore

Doors o - pen

A composição “Instrumental” (Figura 3) também foi composta através de improvisação vocal no dia 19 de março de 2010.

Figura 3. Instrumental: composição criada via improvisação vocal.



Discussão

As canções *Orange Line* (Linha Laranja) e *Instrumental*, mediante análise ‘Arts-based’, tornaram-se as mais significativas representações do processo adaptativo e a própria análise do estudo. Em decorrência do processo de codificação (análise), metáforas foram utilizadas para buscar entendimento acerca do material das canções (letra e música). Conforme descrito anteriormente, em *Orange Line*, o anúncio de “portas abrindo” era cantado com a utilização de um intervalo de quinta justa descendente Dó# - Fá# (ver retângulo em Figura 2). Este intervalo, no sistema tonal e no caso desta peça musical no tom de Fá# menor, é a dinâmica mais forte de atração na escala. O quinto grau

da escala de F \sharp menor é D \sharp e este grau, quando articulado, atrai o grau de resolução da escala (F \sharp).

A partir da análise do material musical, foi possível a detecção de várias semelhanças entre as duas peças musicais. A canção “Instrumental” foi composta, intuitivamente, na tonalidade de Lá Maior que é escala relativa à tonalidade de *Orange Line* (F \sharp menor). Ou seja, de certa forma, em função de ambas as composições possuírem a mesma armadura de clave (ver retângulo, no início das partituras, em Figuras 2 e 3) e por fazerem parte da mesma motivação composicional (adaptação), poder-se-ia considerar que as duas composições se complementam. O intervalo principal de *Orange Line* é o de 5^a justa descendente D \sharp - F \sharp . Em “Instrumental” a seção B (ver retângulo no final do compasso 1 ao 2, em Figura 3) corresponde à dominante do tom de Lá Maior marcando a atração entre os quinto e primeiro graus da escala.

A tabela abaixo descreve a organização da análise e a interpretação metafórica relacionada aos materiais artísticos extraídos das canções *Orange Line* (Linha Laranja) e Instrumental.

Tabela 1: Descrição analítica e metafórica que fazem referência à letra e material musical das canções.

| Músicas | Letra da canção | Seção musical que apoia a letra | Metáfora relacionada ao material coletado |
|---|--|---|--|
| <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;"> <i>Orange Line</i> (Linha Laranja) </div> | Portas abrindo. | Intervalo de 5 ^a justa Descendente (F \sharp - D \sharp). | Zona de conforto (área de alívio). Intervalo afirmativo na escala. |
| | Melhor cuidar quando for entrar no trem. | Graus conjuntos Mi-F \sharp articulados. | Atenção e cautela. Há tensão. |

| | | | |
|--------------|---|---|--|
| Instrumental | De outra forma, as portas não abrirão mais. | Realiza uma sequência que amplia a escala em uma sétima (Fá# - Mi). | Constatação da oportunidade que se “abre”. |
| | Portas abrindo. | Intervalo de 5ª justa descendente (Fá# - Dó#) com funções de recapitulação e de fechamento da canção. | Lembrança da zona de conforto (área de alívio). |
| | Peça musical Instrumental. | Comunicação entre seções A e B. Há a presença dos mesmos padrões intervalares entre as seções. A seção B é apresentada no tom da dominante da escala de Lá Maior. | Não há saltos e não há surpresas. A peça apresenta padrão repetitivo e previsibilidade (zona de conforto). |

Associada aos outros instrumentos (i.e., relatório diário e fotos) ofereceu algumas categorias de respostas: pontos de ancoragem ou pontos de alívio.

Áreas de alívio: foram identificadas como áreas de alívio aquelas que me garantiam maior segurança, maior estrutura. Morei em um subúrbio a quinze minutos de trem da Temple University. O meu bairro (i.e., ruas, vizinhança, supermercado, estação de trem) garantiam estes sentimentos. O termo “alívio” foi escolhido simbolizando a retomada de energia que estes espaços me ofereciam para que eu pudesse seguir no processo desgastante de adaptação.

Áreas de ancoragem: o termo ancoragem possui uma conotação de algo mais rígido, mais fixo. A intenção é a de justamente simbolizar esta necessidade

Revista Brasileira de Musicoterapia - Ano XVIII nº 20 ANO 2016.

BRANDALISE, A. Uma experiência de adaptação: Um estudo qualitativo ‘Arts-based’ em combinação com modelo heurístico (p. 71-91)

que reconheci de “lançar âncoras” em determinados espaços para dali poder expandir a adaptação. Um bom exemplo de espaço foi a própria Temple University. Fui gradativamente podendo construir este sentimento de ter na universidade uma área de ancoragem pois a vivência no programa de PhD gerava também tanto sentimentos de satisfação via aprendizado, relação com vários professores e colegas mas também sentimentos de angústia toda vez que um novo semestre iniciava dada a quantidade descomunal de trabalhos e desafios.

Orange Line e Instrumental caracterizaram-se como sendo as mais significativas áreas de ancoragem construídas nesta experiência. Em diversas situações, por exemplo, percebia-me cantarolando o intervalo principal (5ª justa descendente) com a letra “Doors Open”. Estava ali a razão de eu estar enfrentando este processo que, por muitas vezes, era bastante solitário (realizei a adaptação sem a presença da minha família) e doloroso.

Quando comecei a pensar acerca da significância deste estudo percebi, através desta experiência pessoal de adaptação, que poderia convidar o leitor a transferir o que viesse a descobrir para qualquer situação onde seres humanos estão enfrentando os desafios de uma adaptação. Automaticamente este pensamento me remeteu a refletir sobre as possíveis situações adaptativas pelas quais o paciente de qualquer terapia pode passar. Especificamente falando sobre musicoterapia, o paciente estará conhecendo uma nova pessoa, um novo *setting*, novos instrumentos, novas cores de parede etc. Música provavelmente articulará diferentes funções em termos de apoio adaptativo. E, de maneira similar à minha, os pacientes terão que criar estratégias para que possam melhor entender as situações experienciadas, terão que criar ações para resolver problemas e, talvez, terem a música como estruturadora de áreas de ancoragem e de alívio em seus processos terapêuticos. Kristyn Brown (2009) considera a adaptação algo crucial para a musicoterapia porque “nunca sabemos o que pode acontecer” (p. 1). Esta citação me faz lembrar a relação de

Lee com música quando por vezes devia encarar uma situação desconhecida. De acordo com Brown (2009), um sujeito em adaptação há que constantemente pensar à frente sobre todas as possibilidades possíveis e sobre como lidar com as situações da melhor maneira possível.

Este estudo demonstrou que a música exerceu um importante potencial de ser um elemento de apoio no processo adaptativo. Para mim foi a mais significativa estratégia de resposta no sentido de garantir maior segurança no processo de integração com uma nova cultura nos Estados Unidos. Música me foi “área de ancoragem” e também me garantiu “área de alívio”. A musicoterapeuta Lucy Forrest (2001) acredita que uma das funções da música pode ser a de garantir o que chama de “identidade individual” (*individual identity*) (p. 3). A autora cita Stokes e Waterman, que dizem que música pode ser utilizada para manter a identidade em três níveis distintos e inter-relacionados: 1) música tem o potencial de definir e articular identidades e limites sociais comunicando informações acerca do mundo em um determinado tempo, em um determinado lugar e dentro de um contexto cultural e social. A música e a dança podem ser utilizadas para ensinar aspectos de uma organização social e cultural qualquer (p. 3); 2) música pode ser utilizada para desenvolver e/ou perpetuar uma identidade individual (STOKES *apud* FORREST, *ibid.*) e 3) música pode não somente refletir limites sociais e culturais mas pode estimular indivíduos a negociar e a expandir as fronteiras e hierarquias do que é o aceitável de suas identidade e lugar no mundo (BAILY & STOKES *apud* FORREST, *ibid.*).

Estar submetido à uma experiência adaptativa implica estar sujeito a vivenciar uma variedade de situações e sentimentos que exigirão esforço para serem reconhecidos, entendidos e processados. O processo heurístico é uma maneira de ser informado, uma maneira de conhecer (MOUSTAKAS, 1990, p. 10). Especificamente no caso deste estudo, é possível identificar uma dinâmica de sentimentos que se assemelha, metaforicamente falando, à uma montanha-russa com sentimentos sendo vivenciados dia a dia e momento a momento. O

desconhecido e o imprevisível foram fenômenos constantes nesta experiência adaptativa pessoal.

A experiência adaptativa, exposta através deste estudo, pode também ser comparada ao que talvez vivencie alguns pacientes quando iniciam seus processos terapêuticos uma vez que a eles se apresentam fenômenos similares, relacionados ao “desconhecido” e ao “imprevisível”. Quem é essa pessoa desconhecida (musicoterapeuta)? O que são estes instrumentos? O que faço com eles? Onde sento? O mesmo pode vivenciar um musicoterapeuta quando altera seu local de trabalho. Qual a filosofia da nova clínica? Quais as metodologias? O que esperam? Quem faz e como funciona a nova equipe? Ambas as experiências podem gerar sentimentos e desconfortos similares aos apresentados neste estudo, de alguém que experencia a adaptação de uma cultura à outra, de um sistema (jeito de viver) a outro.

Na adaptação para uma diferente cultura, estratégias poderão ser criadas: 1) a calma e o auto-controle; 2) o reconhecimento do problema; 3) o reconhecimento dos sentimentos que são provocados pelo problema; 4) a administração destes sentimentos (por vezes poderão perturbar o processo de descobrimento de soluções, o sujeito submetido à ansiedade da adaptação poderá experimentar um certo “embassamento perceptivo”, tornando-se mais difícil o encontro da solução; 5) identificação da solução; 6) a criação da mensagem ou da ação e a maneira de transmiti-la ou de realizá-la; 7) entendimento da mensagem do outro (numa situação comunicacional, por vezes, a linguagem musical é mais acessível à compreensão do que a linguagem verbal); 8) o planejamento da melhor maneira em se resolver o problema e, finalmente, como uma muito importante estratégia em um processo que pode ser muito cansativo e estressante; 8) o encontro dos pontos de alívio (*relief points*) onde o sujeito poderá encontrar apoio e experimentar calma. Neste estudo, música demonstrou ter este potencial. E foi utilizada através de difentes maneiras (de forma receptiva e ativa).

A casa onde morava, o campus da universidade, algumas áreas da cidade como a *Olde City* e a *Rittenhouse Sq.*, amigos do lugar onde a experiência de adaptação ocorre, alguns professores, a tecnologia que propicia o contato com amigos e familiares no Brasil foram também considerados pontos de alívio (*relief points*).

Pude encontrar diferentes razões que me fizeram conduzir esta investigação. Primeiramente por ter sido minha iniciação em termos de ter interesse em realizar uma auto-investigação acerca de uma experiência enquanto imerso nela. Percebi o valor que pode ter uma experiência pessoal no sentido de auxiliar a comunidade a poder fazer transferências de conteúdo para suas vivências.

Na musicoterapia muito pouco tem sido escrito tendo o modelo heurístico e o “Arts-based” como *design* de investigação. Este estudo teve, como um de seus objetivos, poder experimentar os próprios *designs* qualitativos heurístico e “Arts-based” como facilitadores de descobrimentos, estudos e construções de conhecimento a partir de experiência pessoal. Possui uma potencial significância para aqueles interessados em investigar fenômenos tendo a si como fonte de conteúdo de pesquisa.

Da mesma forma, possui potencial significância para aqueles que desejam refletir sobre qualquer experiência adaptativa pela qual foram submetidos. Pode ser a experiência de um estudante submetido a um novo local de estudo, uma pessoa tendo se mudado para um outro endereço na cidade, ou uma nova dinâmica em sua vida diária etc. Finalmente o estudo propõe a reflexão acerca das semelhanças possíveis de serem encontradas com o material pessoal apresentado com o que pode ser vivenciado por um paciente de musicoterapia que inicia seu processo ou com o musicoterapeuta que vivencia um novo trabalho em um novo local.

Considerações Finais

Austin e Forinash (2005) acreditam que a pesquisa 'Arts-based' pode promover bons resultados para aqueles pesquisadores que possuem o interesse em associar o processo de pesquisa com seus processos criativos. Este fenômeno foi exatamente o que me ocorreu. Primeiramente a percepção de que minha principal motivação de investigação qualitativa passava pela experiência pessoal de estar me adaptando em um programa de formação, em uma cidade e em um país estrangeiros. Ou seja, a percepção de que poderia a auto-reflexão gerar material que interessasse à musicoterapia. Segundo, a sensação de que neste específico processo metodológico de coleta e análise, o próprio produto artístico criado continha as respostas às perguntas de pesquisa.

Finalmente percebi, via análise qualitativa com a utilização de metáforas, que minha experiência pessoal, apesar de não poder ser generalizada dada a singularidade do fenômeno, poderia gerar informações e reflexões possivelmente transferíveis a outros cenários e a outros sujeitos. Mais especificamente aos meus colegas musicoterapeutas e aos nossos pacientes de musicoterapia que enfrentam sistematicamente fases de adaptação.

Entendo o profissional musicoterapeuta dotado de habilidades artísticas. A criatividade é o dia-a-dia deste profissional e desta prática. Parece-me natural que os conteúdos produzidos pelas dinâmicas terapêuticas, pelas relações façam emergir material criativo que falem sobre os ocorridos, que contenham as essências que foram construídas pelas relações terapêuticas. Então, que este estudo possa contribuir como sendo mais um afinador das nossas capacidades de escuta e de nossas metodologias para que a arte seja para nós ainda mais potente, nos ajudando a entender processos terapêuticos e a desenvolver a musicoterapia.

Referências

AIGEN, Kenneth. **Here we are in music: one year with an adolescent creative music therapy group**. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 1997.

AIGEN, Kenneth. **Paths of development in Nordoff-Robbins music therapy**. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 1998.

AUSTIN, Diane. **When words sing and music speaks: a qualitative study of in depth music psychotherapy with adults**. New York: New York University, 2004.

AUSTIN, Diane; FORINASH, Michele. Arts-based research. In: Wheeler (ed.) **Music Therapy Research**. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 2005, p. 458-471.

BRANDALISE, André. **Musicoterapia músico-centrada: Linda, 120 sessões**. São Paulo: Apontamentos, 2001.

BRANDALISE, André. **The psychodynamics of music-centered music therapy group with people on the autistic spectrum**. Filadélfia: Temple University, 2015.

BROWN, Kristyn. Response to "Drumming in the Rain: An Experience of the First Year of Music Therapy" [Contribution to Moderated Discussions] *Voices: A World Forum for Music Therapy*. Retrieved November 14, 2009, from http://www.voices.no/discussions/discm76_05.html

BRUSCIA, Kenneth E. Modes of Consciousness in Guided Imagery and Music: A Therapist's Experience of the Guiding Process. In: Bruscia (ed.) **The Dynamics of Music Psychotherapy**. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 1998, p. 491-525.

BRUSCIA, Kenneth E. First-Person Research. In: Wheeler (ed.) **Music Therapy Research**. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 2005, p. 379-403.

FORREST, Lucy C. Addressing Issues of Ethnicity and Identity in Palliative Care Through Music Therapy Practice. *Voices: A World Forum for Music Therapy*. Retrieved November 14, 2009, from [http://www.voices.no/mainissues/Voices1\(2\)Forrest.html](http://www.voices.no/mainissues/Voices1(2)Forrest.html), 2001.

LEE, Colin. **Music at the edge: the music therapy experiences of a musician with AIDS**. Londres: Routledge, 1996.

Revista Brasileira de Musicoterapia - Ano XVIII nº 20 ANO 2016.

BRANDALISE, A. Uma experiência de adaptação: Um estudo qualitativo 'Arts-based' em combinação com modelo heurístico
(p. 71-91)

LEE, Colin. Reflections on Being a Music Therapist and a Gay Man. *Voices: A World Forum for Music Therapy*. Retrieved November 14, 2009, from <http://www.voices.no/mainissues/mi40008000278.php>, 2008.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. **Naturalistic Inquiry**. Newbury Park, CA: Sage publications, 1985.

MAIRIAUX, Isabelle. Thoughts on "Experience of Space in Japan." Implications for Music Therapy. *Voices: A World Forum for Music Therapy*. Retrieved November 14, 2009, from <http://www.voices.no/mainissues/mi40006000217.php>, 2006.

MARSHALL, Catherine; ROSSMAN, Gretchen B. **Designing qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2006.

MOUSTAKAS, Clark. **Heuristic research: design, methodology and applications**. Thousand Oaks: Sage publications, 1990.

NORDOFF, Paul; ROBBINS, Clive. **Creative music therapy: individualized treatment for the handicapped children**. Nova York: The John Day Company, 1977.

TURRY, Alan. **The connections between words and music in music therapy improvisation: and examination of a therapist's method**. New York: New York University, 2004.

VIEGA, Michael. **Loving me and my butterfly wings: a study of hip-hop songs written by adolescents in music therapy**. Filadélfia: Temple University, 2012.

Submetido em 25/04/2016

Aprovado em 25/08/2016

Revisado e aceito para publicação em 27/09/2016



MUSICOTERAPIA

Revista Brasileira de Musicoterapia - Ano XVIII n° 20 ANO 2016.

BRANDALISE, A. Uma experiência de adaptação: Um estudo qualitativo 'Arts-based' em combinação com modelo heurístico

(p. 71-91)